



ESCALADA
DO MEDO

Lula evita comentar conflito com a entrada dos Estados Unidos, mas em nota do Itamaraty, governo demonstra preocupação com a escalada de violência, reitera a necessidade de uma solução diplomática e defende a conciliação

Brasil critica ataque dos EUA ao Irã

» RENATA GIRALDI

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ao contrário dos grandes líderes do Ocidente, evitou comentar o ataque dos Estados Unidos contra instalações nucleares no Irã, ocorrido na noite de sábado. No entanto, por meio de nota do Ministério das Relações Exteriores (MRE), o governo condenou os bombardeios e alertou sobre “danos irreversíveis” com a escalada militar no Oriente Médio, se não houver “solução diplomática”.

Porém, a exemplo do restante do mundo, o Itamaraty informou que acompanha os desdobramentos e defende o caminho da conciliação e da busca pela paz na guerra entre Israel e Irã com a forte participação norte-americana.

Para as autoridades brasileiras, é importante respeitar e preservar os tratados e acordos internacionais. O discurso que será encampado pelo presidente Lula e pelo ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, é que, em meio à escalada de violência no Oriente Médio, não há vitoriosos.

E essa posição do governo brasileiro deverá ser reforçada daqui a duas semanas, na Cúpula do Brics, no Rio de Janeiro, nos dias 6 e 7 de julho. Fundado em 2006, o bloco reunia, inicialmente, Brasil, Rússia, Índia e China, depois, em 2011, a África do Sul foi incluída no grupo.

No ano passado, Egito, Etiópia, Irã, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos também se tornaram membros, assim como a Indonésia em janeiro deste ano. Há, ainda, os integrantes plenos Belarus, Bolívia, Cazaquistão, Cuba, Malásia, Nigéria, Tailândia, Uganda e Uzbequistão. Em janeiro, o Brasil assumiu a presidência do Brics.

O encontro vai reunir potências militares, como a China e a Rússia, que já se posicionaram contrárias aos bombardeios ordenados pelo presidente dos EUA, Donald Trump. Lula e Vieira

Satellite image ©2025 Maxar Technologies / AFP



Foto de satélite fornecida pela Maxar Technologies e tirada, ontem, mostra danos em instalação de Isfahn, no centro do Irã, após bombardeios dos EUA

deverão reiterar que apenas uma “solução diplomática” será capaz de interromper o “ciclo de violência” e abrir “oportunidade para negociações de paz”. Ambos pretendem reiterar as consequências de uma escalada de violência para o planeta. “(Pode) gerar danos irreversíveis para a paz e a estabilidade na região e no mundo e

para o regime de não proliferação e desarmamento nuclear”, segundo a nota da chancelaria.

Diplomacia

O tom conciliador é a marca da diplomacia brasileira e também é considerado o ideal para a preservação interna e o bom

relacionamento com parceiros econômicos importantes. Especialistas ouvidos pelo **Correio** lembram que estão em jogo acordos com os Estados Unidos, Israel, China, Rússia e vários outros países, sem contar o bom contato que existe com o Irã.

Ao defender a preservação dos acordos e tratados internacionais,

no entanto, o Brasil não se omite de criticar o uso de energia nuclear sem fins pacíficos. Essa observação é uma condenação direta a Teerã, uma vez que pouco se sabe sobre as instalações atômicas iranianas e o que se pretende com a produção ali fomentada.

Se de um lado o Brasil aponta para o Irã, também faz o mesmo



“O Brasil também repudia ataques recíprocos contra áreas densamente povoadas, os quais têm provocado crescente número de vítimas e danos à infraestrutura civil, incluindo instalações hospitalares, as quais são especialmente protegidas pelo direito internacional humanitário”

Nota do Ministério das Relações Exteriores

para Israel, pois não deixa de lado os quase três anos de guerra em Gaza. Uma batalha desigual, considerando o poder militar israelense e o estado em que se encontram os palestinos. Para condenar os “ataques recíprocos”, o governo brasileiro deve ratificar a ameaça decorrente dessa reação.

“O Brasil também repudia ataques recíprocos contra áreas densamente povoadas, os quais têm provocado crescente número de vítimas e danos à infraestrutura civil, incluindo instalações hospitalares, as quais são especialmente protegidas pelo direito internacional humanitário”, conforme a nota do Itamaraty.

Alexander Kazakov/AFP



Imprensa oficial russa confirma participação de Vladimir Putin na Cúpula do Brics, no Rio de Janeiro

Putin planeja vir ao Brasil em julho

No próximo mês, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, pode desembarcar no Rio de Janeiro, para participar da Cúpula do Brics, que ocorre nos dias 6 e 7 de julho. A confirmação foi feita, ontem, e divulgada pela imprensa oficial russa. Porém, o assessor especial do Kremlin, Yuri Ushakov, evitou dar detalhes sobre a participação do líder nas reuniões, apenas confirmou que ele estará presente. “O formato ainda não foi decidido”, disse Ushakov.

Putin pode vir ao Brasil no momento em que a guerra na Ucrânia ainda estará no foco das preocupações, assim como os confrontos entre Israel e Irã, além dos conflitos em Gaza. Três grandes embates que movimentam o mundo e estão cercados de críticas e reservas, inclusive, do governo brasileiro, que insta pela busca de um caminho pacífico e não belicoso.

O Brasil está preside o Brics desde janeiro. Na cúpula do Rio, o

presidente russo empenha-se nos principais projetos comuns, uma vez que a guerra na Ucrânia, isolou a Rússia e colocou Putin em uma posição bastante desconfortável para negociar com vários parceiros internacionais. Porém, no bloco que inclui Brasil, Rússia, Índia e China e África do Sul, ele tem espaço e condições para apresentar propostas e ampliar acordos.

No ano passado, o Brics foi ampliado com a entrada de Egito, Etiópia, Irã, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos, assim como a Indonésia, em janeiro deste ano. Há, ainda, os integrantes plenos Belarus, Bolívia, Cazaquistão, Cuba, Malásia, Nigéria, Tailândia, Uganda e Uzbequistão.

De forma insistente, Putin defende, a partir do Brics, uma nova “ordem mundial multipolar”. Segundo ele, essa seria a alternativa às organizações ocidentais. De acordo com o presidente, a Rússia quer trabalhar com outros países

para reformular o sistema financeiro global e pôr fim ao domínio do dólar americano.

Ordem de prisão

Ainda sobre o presidente russo há uma ordem de prisão expedida pelo Tribunal Penal Internacional (TPI), de Haia, nos Países Baixos. Em 2023, Putin foi condenado por crimes de guerra.

O mandatário russo e a comissária para os Direitos da Criança da Rússia, Alekseyevna Lvova-Belova, foram sentenciados por serem “supostamente responsáveis” pelos crimes de guerra, de deportação ilegal de população (crianças) e transferência ilegal de população (crianças) da Ucrânia para o território russo.

No entanto, como tem o status de chefe de Estado e estará no Brasil representando a Rússia, o presidente russo estará preservado e, provavelmente, fora de risco de qualquer detenção. (RG)